

## A criança de 6 anos no contexto da vida escolar

Há uma nova esperança no ar. A partir da publicação da Lei número 11.274 e da posição tomada pelo governo, as propostas curriculares para educação básica no Brasil precisam ser retomadas e refeitas. Essa retomada se deve a dois motivos distintos: o primeiro é para dar conta da determinação legal. Já o segundo, de caráter muito mais nobre, pertence à classe dos comportamentos, atitudes, habilidades e competências que devem ser pensadas para esta modalidade que é antiga, mas que agora passa a agregar também a criança de seis anos de idade.

Deixando as questões legais um momento de lado, as perguntas centrais em torno desta questão não podem ser se não – Quem é a criança de hoje? Como vive a criança de hoje? No que crê a criança de hoje? Quais são as influências sofridas pela criança de hoje? Para qual mundo a escola de hoje deve preparar a criança?

As perguntas são tantas e as respostas para muitas delas também. Sabemos que já havia uma discussão antiga no Brasil em torno especificamente desta idade. Os educadores brasileiros nunca se entenderam muito bem quando o assunto era – “O que fazer na escola para uma criança de seis anos de idade?”.

Tínhamos de tudo um pouco. Havia escola que se negava terminantemente a fazer alfabetização, ou qualquer outro trabalho com leitura e escrita, alegando que nesta fase a criança deveria brincar, afinal, pré-escola para este grupo era para brincar. Havia também escolas que diziam exatamente o contrário: crianças em período pré-escolar devem ter um contato sistematizado com o universo da alfabetização para não correr o risco de ficar fora do processo de socialização, de construção de cidadania e, principalmente, de participação efetiva na sociedade. Havia ainda um grupo de escolas particulares e públicas em que a “mistura” dos dois processos se fazia. Dessa forma, mesmo sem determinações legais, de uma maneira intuitiva, já se podia observar que algo não estava se encaixando no parâmetro de avaliação das propostas e dos resultados dos trabalhos desenvolvidos para estas crianças.

Esta criança de hoje, que vive e se educa num mundo de transformações muito rápidas, não perde uma oportunidade sequer de interagir com o meio. É esta característica que as crianças naturalmente têm, porque está aí para descobrir e reinventar, que faz com que elas possam se disponibilizar ao novo e àquilo que surge diante de seus olhos. Cabe a nós, professores, buscarmos esta aproximação da criança e compreender que olhar é este que ela tem para coisas tão diferentes e que junção faz ela com esta multiplicidade de coisas. Impedir esta busca pode ser cruel não só para a criança, que deixará de explorar, mas também ao professor, que estará pecando pela negligência.

O desafio que surge desta condição está, portanto, claro demais. É preciso estar atento a tudo isto que circunda a criança mas, é importante, acima de tudo, perceber que o emocional permeia toda e qualquer relação de aprendizagem. Isto equivale a dizer que temos uma criança com capacidade muito boa para percepções sociais no que diz respeito aos conteúdos formais que as escolas, formais ou não nos apresentam nesta idade, mas ainda somos crianças e, como tal, precisamos ter chance de ver o mundo, de experimentar, de testar, de propor, de discordar e de errar, acima de tudo.

O acesso ao mundo (ou mundo mais ao gosto da multiplicidade: do sonho, da cultura, da informação, da aproximação social, do imaginário e etc...), condição mais elementar do letramento, se dá por intermédio dos diferentes suportes (revistas, filmes, músicas e etc...) com os quais, todas as crianças, ricas ou pobres, convivem diariamente. Não podemos nos esquecer também dos gêneros orais de linguagem. Há tantos quanto os escritos, portanto, os gêneros parecem quase ilimitados. E o são, se considerarmos que eles podem ser híbridos, justaposições, em função das diferenças sociais. Dificilmente iremos encontrar o mesmo gênero em dois grupos sociais diferentes com as mesmas características. A estrutura geral será similar, mas haverá tanto em um como no outro, materialização das interferências sociais.

O maior desafio da escola para desenvolver uma boa proposta para este ensino fundamental de nove anos é cumprir com o papel de educadora, de mediadora do conhecimento numa heterogeneidade tão acentuada. Estas diferenças podem ser de grande valia aos processos educativos que desenvolvemos, mas para isto acontecer precisamos ter uma proposta pedagógica muito clara em suas práticas e em suas metodologias, assim como uma intenção bastante clara para seus egressos e mais que isto, precisamos ter professores qualificados e material condizente com estas duas condições. No caso da maioria das escolas brasileiras é aí que está o ponto nevrálgico. Sem repensar a formação do educador para essa criança de seis anos e que materiais e metodologias utilizar para tal, poderemos errar na dose e acabar dando demais, o que sufocará a criança porque a quantidade não é e não pode ser a prioridade, ou dando de menos, porque podemos ainda estar acreditando que por se tratar de uma criança, ainda tão tenra, conteúdos devem ser poucos e as outras atividades tomarem o lugar mais amplo. É o desafio, e todos nós sabemos que assim o é. Cabe-nos, diante da constatação, garantir o brincar, a socialização, o desenvolvimento motor e os processos mais formais de letramento em que conste, claramente, alfabetização, raciocínio lógico-matemático e gêneros textuais.

A dosagem do processo nos parece a questão principal para a educação da criança de seis anos. A importância do brincar se dá na mesma importância do ato de ler, para-fraseando Freire. A importância de socializar-se se dá na mesma esteira da importância de desenvolver o aparelho motor. Quer dizer, prioridade não há. Há condições mais ou menos igualitárias no que se refere aos saberes que devem ser tratados no primeiro ano do ensino fundamental de nove anos. Assim, resta-nos nos programar no que chamamos de rotina. É a rotina da escola, ou a rotina da sala de aula, que irá garantir efetivamente a execução do planejamento escolar. É a rotina que vai operacionalizar aquilo que foi apontado pela proposta pedagógica, pelo projeto para aquele grupo e pelo planejamento do professor, sendo assim, é a rotina bem elaborada que evitará o atropelamento quase que inevitável para a maioria dos professores desta idade.

Nestas idades têm-se, quase sempre, muitas crianças por sala de aula, muitas diferenças de letramentos, e muitas diferenças de interação, autonomia e desenvolvimento coletivo. Um misto de trabalho para a coletividade e trabalho para o desenvolvimento de cada um de acordo com suas condições próprias acaba por tomar qualquer rotina e jogá-la fora. É um desafio grande ser organizado, articulado e pró-ativo, mas por ser um desafio do qual já temos percepção, podemos enfrentá-lo de forma mais preparada.

Se estivermos preparados para esta diversidade, estaremos também preparados para toda e qualquer criança, afinal, é esta a diferença com a qual iremos lidar por muito tempo na escolarização brasileira. Não se pode pensar que diretriz deve funcionar como uma camisa de força, que engessa e que limita. Também não se deve pensar que a liberdade nos dá a condição de optar isoladamente por algo. É preciso ter bom senso, é preciso discutir, é preciso planejar, é preciso avaliar a clientela atendida, é preciso caracterizar muito bem sua comunidade, é preciso pensar em estratégias para que as crianças desta escola possam acompanhar qualquer escola por onde elas tiverem que passar.

**Fonte:** Dr. Geraldo Peçanha de Almeida  
[www.geraldealmeida.com.br](http://www.geraldealmeida.com.br)

Formado em Educação pela Universidade Estadual Paulista é mestre em estudos literários pela Universidade Federal do Paraná e doutorado em Teoria Literária pela UFSC Universidade Federal de Santa Catarina.

Professor de Comunicação da FAO Faculdade Opet, e de pós-graduação IBPEX Instituto Brasileiro de Pós-Graduação. É arte-educador e diretor teatral.

Presidente do Conselho editorial da Pro-Infantil Editora, de Curitiba, e colunista do jornal O Estado do Paraná, semanalmente na coluna "O Paraná Educa". Palestrante e consultor educacional, membro da comissão científica da Sociedade Brasileira de Psicomotricidade, atua pela Alleanza educacional, como consultor de desenvolvimento e performance de carreira no magistério.

